





LEMBRANÇA*

Ivo Barroso
Tradutor



Publicado originalmente na
Revista Palavra. abril/2000





A final de que serve a poesia? Que papel deve assumir o poeta contemporâneo diante dos problemas de sua época? O que é a poesia? Estas e outras perguntas, um jovem poeta procurou responder aos 26 anos. Seu nome: Mário Faustino, cuja vida precoce foi seguida de uma precoce morte, aos 32 anos, em um acidente de avião em Cerro de la Cruz, nas imediações de Lima, capital do Peru. Seu corpo não foi identificado. Mário Faustino deixou um único livro, *O homem e sua hora*. Mas o seu trabalho de poeta, crítico e tradutor permanece com um dos momentos mais instigantes da nossa poesia.

Os jovens leitores de hoje, que vêem emagrecer de dia para dia o espaço dos jornais destinado aos assuntos literários, estão longe de imaginar o que era o “Suplemento Dominical” do “Jornal do Brasil” nos últimos anos da década de 50: um caderno especial de 12 páginas, formato grande (60 cm x 40 cm), com paginação sofisticada, onde poemas inteiros eram transcritos com ilustrações e espaços em branco largamente utilizados em benefício da composição estética. Seu diretor, Reynaldo Jardim, inovador da feitura gráfica, paginador de vanguarda, estava aos poucos transformando um compósito de artigos sobre “artes” num conjunto homogêneo de assuntos literários.

Pouco a pouco foram sendo devidamente “aposentadas” decrépitas seções de balé e crítica teatral, conselhos domésticos e notícias literárias, cujos velhos colaboradores iam se queixar furiosos à condessa Pereira Carneiro da intromissão “desses jovens” nas searas em que vinham respingando (e ruminando) havia décadas. Mas o genro da condessa, Nascimento Brito, desejoso da remodelação do jornal, deu respaldo à turma do “Suplemento”.

Foi nesse espaço que apareceu, a 23/09/56, a página inteira denominada Poesia-Experiência, sob a assinatura de Mário Faustino, jovem poeta paraense, logo em seguida transformado num dos maiores críticos literários do país. Se o *Suplemento Dominical* já era para os jovens poetas de minha geração leitura semanal obrigatória (para torná-lo ainda mais *sui generis*, o dominical saía aos sábados), com o aparecimento de Mário Faustino, a folha transformou-se em motivo de *cult*. Isso porque ele representava para nós tudo aquilo por que vínhamos ansiando: o mestre capaz de nos fornecer, da maneira mais atraente e dinâmica possível, as teorias de que necessitávamos e que não poderíamos adquirir fosse por falta de recursos financeiros, fosse por desconhecimento de suas fontes originais.

Faustino ensinava Poesia, matéria que não estava nos tratados legíveis, e dela nos dava exemplos (*exhibits*, em sua linguagem) que abrangiam desde os tempos clássicos greco-romanos ou mesmo de literaturas mais remotas como a chinesa, até as grandes vozes do presente (Rilke, Pound, Eliot) sobre as quais ouvíamos falar mas sem haver ouvido (ou visto) o que diziam.

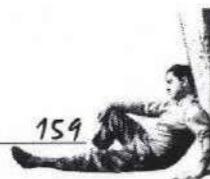
Seus *Diálogos de oficina* eram conversas imaginárias entre mestre e discípulo, ou entre dois interlocutores cultos, sobre a conceituação do ser e do fazer poéticos, expressos numa linguagem acessível, mas sempre elevada. A seção *O melhor em português* antologava e comentava os clássicos portugueses, e o *É preciso conhecer*, os grandes poetas estrangeiros em tradução. Havia ainda os “Subsídios de Crítica”, com trechos selecionados de mestres do gênero, principalmente os de língua inglesa, e a seção “O Poeta Novo”, a que mais interesse despertava entre nós, pois Faustino convocava democraticamente os inéditos a colaborar, submetendo-os no entanto a uma seleção impiedosa.

Vítima de timidez aguda, estive várias vezes para lhe mandar minha colaboração, mas só me arrisquei quando Faustino passou a publicar e analisar alguns poemas traduzidos. Enviei-lhe o soneto 3 da primeira parte dos *Sonetos a Orfeu*, de Rainer Maria Rilke (*Ein Gott vermags*), efiquei abismado e confuso quando, na semana seguinte, abrindo o suplemento, dei com o original e a tradução em *O poeta novo*, tendo embaixo a seguinte nota: “O poeta novo da semana apresenta-se com uma tradução. Alguns leitores poderão estranhá-lo. Nós, porém, somos dos que pensam poder haver tanta criação poética – ou mais – em uma tradução quanto num poema original. Algumas das obras mais importantes das maiores literaturas do mundo têm sido traduções...”

Diante de tal acolhimento, ganhei coragem e fui visitar a redação do *Jornal do Brasil*, àquela época na avenida Rio Branco. Lá encontrei Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Oliveira Bastos e Assis Brasil, mas Faustino não estava presente, só ia ao jornal uma vez por semana levar a página de Poesia-Experiência.

Poucos leitores o conheciam; na entrevista que deu a Ruth Silver para o mesmo *Suplemento*, em vez de se deixar fotografar, preferiu copiar a mão uns versos de Camões e de Pessoa.

Devia ser um velho sistemático, mas queria de qualquer forma agradecer-lhe a “promoção”. Reynaldo aconselhou-me a procurá-lo na Fundação Getúlio Vargas, onde trabalhava num departamento da ONU, e aconteceu que um dia resolvi lá ir. Recebeu-me um colega dele; fiquei à espera junto à mesa em que havia um paletó e um bilhete escrito em francês: “Voltarei dentro de alguns minutos. Mário”. Logo chegou, muito jovem (eu esperava um senhor quarentão, Mário tinha apenas 26 anos, um ano mais novo do que eu), nada alto, rosto redondo, perfeitamente escanhoado, cabelo à West Point,



fisionomia rosada de esportista, olhar vivo e brilhante, gestos um tanto nervosos – enfim, o inverso do que ser convencionou ser o “tipo intelectual”. A conversa começou meio amarrada da minha parte, não conseguindo repetir o ensaiado discurso de agradecimento. Mário cortou curto. Não lhe devia agradecer. Não havia nenhuma concessão em sua escolha.

Perguntou-me se conhecia um verso de Pound: “A piedade matou minhas Ninfas” e falou-me algo sobre a honestidade na crítica de arte. Percebendo minha atitude de acólito, tratou de anular a impressão de que gostava de ser mestre. Estava procurando aguçar em todos nós o senso crítico através do conhecimento. Mas o gosto artístico, ou saber distinguir em arte, deveria ser a conquista de cada um com os recursos de que dispusesse. Pedi para ver outros trabalhos meus. Mostrei-lhe a tradução que tentava fazer da *Ode a uma urna grega*, de Keats, e Mário tomou o papel onde escrevera o bilhete em francês, e nele anotou um remanejamento do verso *Beauty is truth and truth is beauty*, dizendo que a frase se tornara proverbial em inglês e era portanto necessário conseguir uma forma de traduzi-la com o mesmo pique em português. Saí levando comigo o papel, que ainda guardo.

No ano seguinte, encontrei Mário novamente, desta vez na redação do jornal. Sabendo da importância que dava às traduções, queria mostrar-lhe algumas dos sonetos de Shakespeare, que ele imediatamente publicou (27/10/57), também com uma nota: “Ivo Barroso é, a nosso ver, um dos maiores tradutores para a língua portuguesa em ação atualmente: os leitores desta página hão de estar lembrados de seu comparecimento à seção ‘O Poeta Novo’, traduzindo um dos ‘Sonetos a Orfeu’ de Rilke. Volta agora Barroso com três sonetos de Shakespeare, todos surpreendentemente traduzidos, a ponto de superarem, em nossa opinião, as traduções (em alexandrinos), já por nós elogiadas, de Jerônimo de Aguiar (Editora Melhoramentos). Ivo Barroso estará dentro de algumas semanas em ‘Poesia em Dia’, com página de traduções do inglês, do italiano, do alemão, etc.”

Mas sem esperar pelas semanas vindouras, pediu a Reynaldo que me acolhesse entre os colaboradores do *Suplemento*. e me vi, de um momento para outro, fazendo parte da equipe.

Nesse mesmo ano de 1957, o *Suplemento* passaria por um momento histórico com sua adesão ao concretismo, teorizado pelos irmãos Campos e Décio Pignatari, de S. Paulo, e encampado, no Rio, por Jardim e Gullar, que lhes abriram as portas para a publicação de manifestos e poemas. O *Suplemento* passou a estampar versos “espaciais” que causavam exasperação entre os conservadores e pedidos veementes à condessa “para que pusesse um paradeiro ao descalabro”. Nós, poetas novos, prontamente aderimos. Eu próprio tive alguns poemas concretos publicados, entre eles o SAPO PULA/ PAUL PULULA, e o ÉPOCA/ ÉPICO, reproduzidos com grande destaque. Mário não aderiu de primeira hora nem de corpo inteiro ao

movimento, embora respeitasse a cultura e probidade de seus mentores. Mas escreveu um artigo de página inteira, *A poesia concreta e o momento poético brasileiro*, que situava o movimento *vis-à-vis* da atuação dos grandes poetas da época, e que, pela sua coragem e agudeza de análise, permanece, até hoje, significativamente como um dos mais avançados patamares de crítica literária objetiva. Como Manuel Bandeira, não deixou também de fazer, em seus poemas subseqüentes, algumas incursões pelos “recursos espaciais” concretistas, mas, entre nós, confessava não acreditar na “morte do verso”.

Muitas outras vezes estive e falei com Mário, e dele recebi conselhos e orientações, sempre dados de maneira informal e sugestiva. Lembro-me de quando achou estranho que eu tivesse traduzido para o *Suplemento* uma série de artigos do crítico literário norte-americano R. P. Blackmur contrários a Ezra Pound, que era um de seus ídolos intocáveis. Como houvesse um endeusamento permanente de Pound nas páginas do *Suplemento*, Reynaldo achou que era oportuno mostrar também “a outra face”, e eu concordei em traduzir os artigos. “Blackmur é sério, mas eu prefiro Pound, que é espiroqueta”, ainda o ouço dizendo: “Os críticos teorizam, mas só os gênios criam”.

Em dezembro de 1959, Mário ausentou-se do Brasil para exercer um cargo na ONU em Nova York, só regressando em 62, como editorialista do *Jornal do Brasil* e da *Tribuna da Imprensa*, que estava sendo adquirida pelo primeiro. A *Tribuna* passava por grandes transformações e entre seus redatores estava Paulo Francis, com quem eu já trabalhara na revista “Senhor”, e que me convidou para traduzir um folhetim, *Os ladrões de corpos*, para aquele jornal. Lá encontrei um dia Mário Faustino, que passara a dirigir o órgão e se mostrava naquele dia extremamente agitado. O jornal publicara ou ia publicar uma entrevista com Luís Carlos Prestes, e havia reações de toda espécie. Mário disse-me que a vida política brasileira estava muito conturbada e estava ficando muito difícil exercer o papel de orientador da opinião pública. Preferia aceitar uma oferta do jornal para fazer uma série de artigos e reportagens sobre Cuba, México e Estados Unidos. Perguntou, como sempre atencioso, pelos meus trabalhos e mostrei-lhe os “33 Sonetos de Abraxas”, em que vinha trabalhando. “Merece um prefácio”, disse-me com afeição que não pude esquecer. Dei-lhe a pasta com os sonetos. No dia 27 de novembro daquele ano, Mário embarcou para nova York para não mais voltar.

Os jovens poetas de minha geração tudo devem a Mário Faustino: foi ele quem nos ensinou a encarar a poesia como algo sério e comprometedor. A ter como um dos instrumentos do poeta o conhecimento de línguas e literaturas estrangeiras. A desenvolver avaliação crítica sem a qual nunca iríamos passar de diluidores. Não consegui nunca, em vida, agradecer-lhe por isso. Mas em 1991, quando publiquei a antologia de traduções *O torso e o gato*, nela inscrevi seu nome, *in memoriam*, como um singelo tributo.

